

# FESTA DE DIONISO



# **EXPEDIENTE**

## **CURADORIA**

**Daniella Chaves e Danilo Chaves**

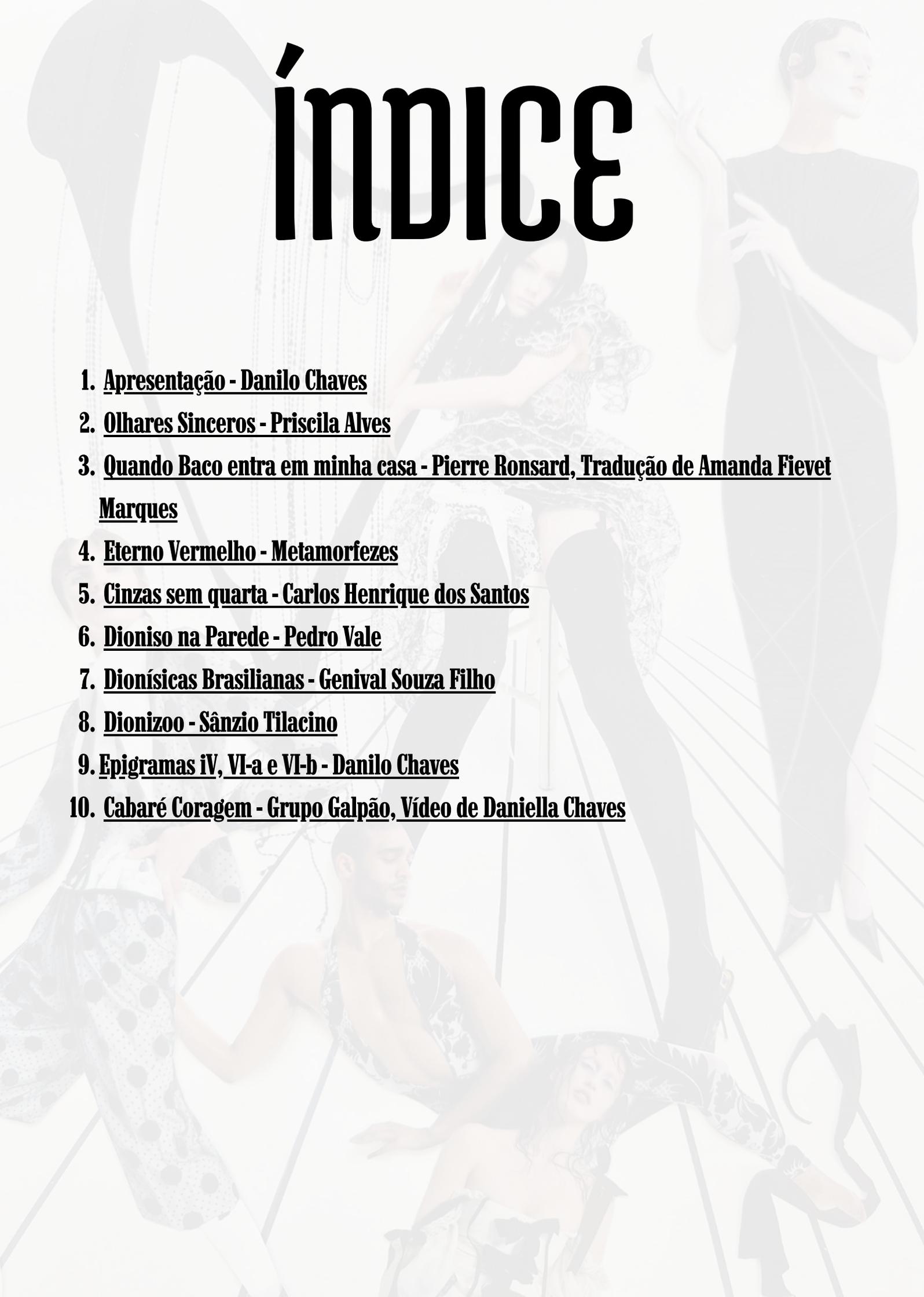
## **CAPA**

**Daniella Chaves**

## **DIAGRAMAÇÃO**

**Danilo Chaves**

# índice



1. **Apresentação - Danilo Chaves**
2. **Olhares Sinceros - Priscila Alves**
3. **Quando Baco entra em minha casa - Pierre Ronsard, Tradução de Amanda Fievet Marques**
4. **Eterno Vermelho - Metamorfezes**
5. **Cinzas sem quarta - Carlos Henrique dos Santos**
6. **Dioniso na Parede - Pedro Vale**
7. **Dionísicas Brasileiras - Genival Souza Filho**
8. **Dionizoo - Sâncio Tilacino**
9. **Epigramas IV, VI-a e VI-b - Danilo Chaves**
10. **Cabaré Coragem - Grupo Galpão, Vídeo de Daniella Chaves**

# APRESENTAÇÃO

**DANILO CHAVES**

**Dioniso, Baco, Pater Liber, Eleutheros, Dithyrambos, Brômios... um deus de muitos nomes e muitas bênçãos! Onde há Baco, há festa! Outubro é sempre mês de festa para a Fruta, por ser o mês de aniversário da nossa Revista, e nesse ano já tão festivo, em que estreamos nosso espetáculo O Ábaco, não poderíamos deixar de comemorar com uma festa digna no deus do Teatro! Então pega suas uvas e vem pro nosso tirso comemorar essa felicidade orgiástica que é ser bacante! Evoé!**

**Nessa festa você encontra poema traduzido, poemas originais, contos, fotos, colagem, gravura e até um vídeo vindo diretamente do cabaré!**

**No meio disso tudo você pode encontrar tudo que é dionisíaco. Seja vinho e sexo, seja teatro e mito, seja violência e morte. Um deus que dança, que faz dançar, que enlouquece a si e aos mortais. Um deus que enleva, entusiasma e mata e destrói. A sós, mortais, o que nos resta é nos precavermos contra a justa ira, a fúria santa de um deus.**

**Ou, quando temos a sorte de sermos amados por ele, o que nos resta é dançar nessa festa perigosa.**

**GOIÂNIA-BRASIL**

# OLHARES SINCEROS

**PRISCILA ALVES**



**TERESÓPOLIS-BRASIL**

# QUANDO BACO ENTRA EM MINHA CASA

**PIERRE DE RONSARD**

**TRADUÇÃO DE AMANDA FIEVET MARQUES**

Lorsque Bacchus entre chez moi,  
Je sens le soin, je sens l'émoi  
S'endormir, et ravi me semble  
Que dans mes coffres j'ai plus d'or,  
Plus d'argent et plus de trésor  
Que Mide ne Crœse ensemble.  
Je ne veux rien sinon tourner  
Par la dance et me couronner  
Le chef d'un tortis de lierre;  
Je foule en esprit les honneurs,  
Et les états des grands seigneurs  
A coups de pied j'écrase à terre.  
Verse-moi donc que du vin nouveau.  
Pour m'arracher hors du cerveau  
Le soin par qui le cœur me tombe;  
Verse donc pour me l'arracher.  
Il vaut mieux ivre se coucher  
Dans le lit, que mort dans la tombe

Quando Baco entra em minha casa,  
Sinto o cuidado, sinto a brasa  
Se amainar, e me parece rufião  
Que em meus cofres tenho mais ouro,  
Mais prata e mais tesouro  
Que Midas e Cresos em reunião.  
Não quero nada senão rodar  
Na dança e me coroar  
Chefe com torçal de cansação;  
Desprezo em espírito as honrarias,  
E os estados das grandes senhorias  
A pontapés desmorono no chão.  
Versa-me então só vinho crebro,  
Para arrancar do cérebro  
O cuidado que faz o coração absorto;  
Versa então para me rir.  
Melhor é bêbado dormir  
No leito, do que no túmulo já morto.

**RIO DE JANEIRO-BRASIL**

# ETERNO VERMELHO

## METAMORFEZES

**CANTINHO DO VALE**  
COQUETEL ALCOÓLICO  
880ml  
11% vol.

**MAMÍFERO**  
sextoy

**ANATOMIA HUMANA**

- SÚCUBO
- DRAGÃO
- FANTASMA
- VERME
- LOBISOMEM
- MÚMIA
- MONSTRO DAS PROFUNDEZAS
- VAMPIRO

**Life**

0-3  
0-4

Plano de Bóssio 20

METAMORFEZES

**TERESINA/SÃO PAULO-BRASIL**

# CINZAS SEM QUARTA

**CARLOS HENRIQUE DOS SANTOS**

Terça-feira de carnaval e o homem aceita sair vestido de mulher, liga pra irmã, que o arruma e maquia, parece uma florzinha, murcha, do campo, desce as escadas, de salto e minissaia, top azul, turquesa, batom vermelho, cabelos presos num rabo de cavalo, parece a Malu Mader!, alguém grita, ruas cheias, muita cerveja, um teco?, nem pensa, lança-perfume, hum..., ele dança, ele canta, ele rebola, ele ri, ele grita, ele peida, ele se excita com a loira (?) que lhe toca o pau, um teco?, ele pula, ele sua, ele grita, ele olha o céu, ele pensa no pai, ele cai, ele levanta, ele sangra, só um pouquinho, ele samba, ele para num bar, ele mija, ele lava as mãos, o rosto, mas com cuidado para não borrar a maquiagem, ele bebe água da bica, ele solta os cabelos, ainda mais Malu, ele volta ao bloco e canta e dança e ri e pula e grita e rebola e rebola e cansa e para e come e o bloco se dispersa e agora, num clube desses qualquer, terça-feira de carnaval, noite alta, e ele lá, muita empolgação, um teco?, e ele lá, muita empolgação, um teco?, e o baile acaba, na rua, céu clareando, os pés doem, calos e bolhas, dois passos, sandálias, de altos saltos, na mão, decote grande, peitos à mostra, alguém passa e buzina, a calcinha lhe entra na bunda, antes de sentar no meio fio procura um relógio, ajeita o decote, seios duros e empinados, abre a bolsa e retira seu espelhinho, olhos nos olhos, cinzas sem quarta é o que ela vê, corpo cansado, indisposta, um táxi?, ah, se fosse filme... maquiagem borrada, ruas vazias, pensa no mar, levanta, senta outra vez, põe a bolsa no chão, olha o céu, deita a cabeça na bolsa e dorme pensando que bom seria se fosse homem.

**ARRAIAL DO CABO-BRASIL**

# DIONISO NA PAREDE

**PEDRO VALE**



**FUNCHAL-ILHA DA MADEIRA-PORTUGAL**

# DIONÍSICAS BRASILEIRAS

1  
**GENIVAL SOUZA FILHO**

Já não importa se para saudar as floradas, ou para notar a desfolha, falta o essencial, a unicidade entre o sacro e o mundano, o equilíbrio espúrio do Santarém entremeado pelo caos da profanação carnavalesca que a esbórnica do sangue mais impuro faz crer que estão todos no mesmo barco furado da balburdia. No fim, como que para dizer “na essência”, nada interessa mais que a boa e velha sacanagem brasileira, aquela “no bom sentido”, que tão bem aplicou-se aqui, e vejam só, que é coisa nostra, nada que o portucalense cunhou, é fruto da orgia sagrada das matrizes originárias, ou duvida-se que os Tupis, antes mesmo dos Manuéis, lapidaram toda a costa apenas vertendo das veias dos outros o líquido da vida? Não, claro que não, as lufadas da conquista eram por certo regradadas do bom coito e de outras cousas de entorpecer a alma.

De lá para cá, todos que ousaram fornecer impropérios aos modos ausentes, tão típicos de nossa história, caíram, ou minimamente foram forçados a curvar-se ante a plenitude da organicidade imaculada do nosso jeito, Ele, uma entidade de fato, com vida própria e hierarquicamente uno sobre nossas cabeças, se fez e faz para além das bases estoicas, pois despoja-se dessa internalidade, é hedônico, e tem no prazer a razão vital dos que nascem nessas terras, que são suas terras tupiniquins. Aqueles que na jornada aderiram ao movimento em brasa, não só foram acolhidos, como agraciados com o destaque post mortem, celebrados até na memória mais vã. Assim, cá o Pedro I, putanheiro e ofensor da boa moral e de qualquer costume, tipo com tudo de pior que se goste, opõe-se diametralmente em status daquele Pedro IV lisboeta, montado a cavalo embaixo do sol de uma praça qualquer, um libertador almofadinha, epilético e que se foi tuberculoso, hou-

**SÃO PAULO-BRASIL**

**vesse quedado aqui, certeza que dos males sofreria o menor.**

**Outros vieram, decerto igualmente enviados pela entidade mãe, para dar continuidade à formação do modelo brasileiro que Sérgio Buarque de Holanda tentou depois desvelar, errando, pois era ainda curso o momento em que este atinou-se à pena para fazer contextualizar. Veja que o Macunaíma, nosso herói sem caráter, sequer podia ter uma vida, pois foi criado como o espírito santo dos incautos, e assim, como sopro de vida em todos nós, das fronteiras da erva mate aos confins das matas transpirantes. A coisa mais bem entendida ficou quando alcançamos o embaralhar das paixões como um ecumenismo pátrio, algo que em Nelson Rodrigues tornou-se latente. Em Lupicínio Rodrigues, expoente das intempéries passionais, às quais se retribui o sorriso perdido num canto de boca que acaba de sorver o amargo da cana para amenizar o baque, um sofrer exclusivamente nacional. De tanto a tanto isso era já Brasil.**

**É que agora não há como segurar, não há protocolo capaz de colocar-nos na linha, nossa produção é assim, digamos, desregrada por opção. É sujeira, gritaria, dedo em riste, embuste, é choro, emoção, perdão e fé, em qualquer coisa, nós simplesmente acreditamos. É chacota, com respeito, bota um saco na cara do Cristo, mas deixe-o desfilar na Sapucaí; pega a bandeira, enfia no rabo, é mais que patriota (termo em desuso), é honroso. Ofensas são carinhos, só não mexa no meu (pão de) queijo, no meu café, minha cachaça, minha farra, meu batuque. Certa vez tentaram barrar a bagunça, Rio Branco tinha-se ido, não colou, houve logo duas no mesmo ano, e o bendito detrator restou conhecido como o Urucubaca, pois a má sorte acompanha quem contradiz ao direito mais humano de festar.**

**Dane-se que digam que não temos uma face, não temos uma cor (não disse que não nos atentemos desgraçadamente a isso, nos engalfinhamos com as ideias absurdamente importadas de que um mais clarinho pode mais que um mais escurinho, que um tem mais tal coisa que outro, e por aí vai, tema para os erudidos da sociedade), somos a diversida-**

**de, queiram ou não, e assim temos a junção do melhor e do pior de tudo, resultando nisso com o que cruzamos diariamente. As empresas de investigação genealógica nem vingam por aqui, afinal ninguém se anima ao saber que tem 1% de ascendência moura, 12% de hindu, 7,35% de mongol, 14,92% de etnias desconhecidas do norte do atual Afeganistão, ou da ala mais ao sul do Quirquistão, de nada vale. Sangue nórdico corre em veias indecifráveis nesse país, do Maranhão ao Alegrete, passando por Sobradinho.**

**Nessas terras aprende-se a comemorar, mesversario; aniversário de cachorro, de pintinho, capivara; promoção de emprego; não-rebaixamento do time de coração no campeonato B da sua cidade. Chora-se pela perda do mundial sobre a churrasqueira, cerveja na mão, concluindo que “na próxima a gente leva, vem boa geração aí”. O espanhol dorme após o almoço? Nós temos mais o que fazer, tiramos uma pestana no banheiro do escritório, e logo estamos prontos para o segundo tempo, ao final do dia, dividimo-nos entre os que bebem em casa, os que bebem nas salas de aula, os que bebem nos lugares de culto, os que bem nos bares (também um lugar de culto, sui generis) e os que seguiram no escritório, e bebem por lá. Logicamente há os que buscam um pouco mais de prazer no amor remunerado dos prostíbulos, com suas luzes atraentes, casas infinitamente mais tradicionais que as pocilgas que a mídia reporta noutros países. Como dito, sabemos fazer o melhor do pior (por mais subjetivo que seja concluir que algo é, de fato, ruim, quase nada é mesmo mau).**

**Basta pisar fora para se certificar que não haveria outro lugar melhor para nascer do que esta terra da canalhice e da safadeza alvoroçada. Sempre há lenitivo, e sempre há a possibilidade de fazer mais com menos, de se virar enquanto se planeja cortar as cabeças dos egoístas. Sem pressa, quando faltar bem pouco para ficar definitivamente ruim, nos reunimos e fazemos o estopim revolucionário, apenas para deixar tudo em seu devido lugar, ou seja, na libertinagem equânime da anarquia estupefata, própria da nossa estir-**

pe. Nos falta a belicosidade por entendermos que podemos deixar tudo para uma última hora de misericórdia servil, temos na procrastinação uma estratégia. As últimas consequências ficam nos últimos capítulos mesmo, enquanto isso podemos aproveitar e curar a dor com a sanha farreira. Aqui comemoramos vigésimo lugar com fogachos e alaridos, e ofendemos o segundo colocado por ter “fraquejado”, ao final, contudo, será ele igualmente abraçado e servido do gole, sem mágoas.

É fato que não há outro Brasil, como é fato que nosso tempero e destemperança vão se aglutinando e por si ajustando nossas ruminções cotidianas. Se a ordem mundial fosse estabelecida à brasileira, é certo que veríamos uma humanidade mais bem orientada, regada à plenitude da boa vida. Ainda somos o país do futuro, essa é a verdade intragável que os soberbos tentam ocultar. A cor, a baderna, o barulho, o calor, o frescor, o negócio subterfugiado aqui e acolá, o subentendido, tudo está devidamente sob controle, só quem não entende se perde na imagem caótica, os outros amam, tiram a roupa e deixam rolar. Vejam bem, não é necessariamente um caos, é patuscada propositiva, aquele negócio todo que somente as mentes brilhantes conseguiriam entender, é coisa de gente iluminada, que encontra os momentos para criar e recriar, sim, porque não faria jus ao néctar a abelha que ficasse apenas admirando a flor, tem que ter a mão na massa, ir com sede ao pote, é preciso rebolar sem aceitar a dança.

É mentira que tudo por aqui acabe em samba, pois finda em maracatu, em frevo, em xote, mas também em fado, sem nenhum enfado. Fato é que não se buscam motivos para comemorar, nós mesmos somos o motivo. Em nosso âmago arde o prazer como foco principal, fonte vital, logo, cuidamos de fazer com que até o lamento tenha sua razão justificada por alguma satisfação oculta ou postergada, um fim em algo maior, coisa de gente que vai sem saber se tem, de forma que assusta pensar que choramos em velórios, sendo que a nós mais adequado seria comemorar os feitos do finado, não seus defeitos, seus defeitos. Respeito por defunto cai melhor com aquela cervejinha gelada, torresmo,

**boleros e afins. Sim, temos ajustes, mas como dito, estamos ainda em desenvolvimento, “o país do futuro”, lembra? Então é isso, sossega a tarraqueta, já já acontece.**

**Que não nos julguem mesmo aqueles que já nos levam a mal, não há impureza ou voluptuosidade eclesiasticamente contestadas em nossos atos. A celebração é o mote do regozijo necessário, assim, nos teatros, nas boates, tal qual nas feiras, nas ruas, nos botecos e nas casas, haverá sempre um guisado, um barulho e mais um lugar para alguém sentar e assentar suas emoções. Não há remédio maior do que festejar, é por isso que nossa bandeira tem ao cento um pandeiro selado, estrelado, representando que nessas terras onde canta o sabiá e mais uma miríade de bichos trovadores, tudo termina como começa, em gozo. Que ninguém se engane, há planejamento em nossa pretensa ingenuidade, trata-se de um bem arquitetado modelo de direcionamento de energias, de forma que nada se desperdice em empenhos descabidos e que não retornem o desenfadamento que, de direito, cada brasileiro pode e deve conclamar para si.**

**Está tudo devidamente contabilizado, os ratos em Brasília e nos gabinetes espalhados pelas unidades federativas, certa escória de pseudointelectuais, bandidos e patifes de toda ordem, corruptos, zagais e ovelhas, tudo devidamente calculado. Um país sério privilegia seu povo e elege um objetivo central, o nosso, senhoras e senhores, e quem mais endereçado for, é celebrar de quando nascemos até o último piscar de olhos, criança aqui não chora quando vem ao mundo, grita para marcar presença. O pé-duro esfola o terreiro, faz poeira subir ao som da sanfona, do triângulo e da zabumba, as muriçocas festam como convidadas de honra, é uma harmonia sem igual. A depressão aqui é uma criação comercial, no fundo no fundo, qualquer diagnosticado pode curar-se dando algumas voltas noturnas nas regiões consideradas das mais insalubres, núcleos de produção de anticorpos, a doença jamais volta depois de alguns banhos de algazarra. É isso aí, pé na porta, abram alas que o Brasil vai passar.**

# DIONIZOO

## SÂNZIO TILACINO



### BELO HORIZONTE-BRASIL

# **ΕΠΙGRAMAS IV, VI-a & VI-b**

**DANILO CHAVES**

## **EPIGRAMA IV**

**Límpido concílio de dois sois indica a Penteu insolente  
O campo de seu abate. O teu peito igual me desconcerta.**

## **EPIGRAMA VI-a**

**Lassos, os corpos no leito soltos, pós o agônico embate  
A lembrar macabros restos de Penteu desmembrado.**

## **EPIGRAMA VI-b**

**Partes de tua carne cansada sob o lençol entrevejo,  
A lembrar macabros restos de Penteu desmembrado.**

**GOIÂNIA-BRASIL**

# CABARÉ CORAGEM

**GRUPO GALPÃO**

**VÍDEO DE DANIELLA CHAVES**



**PARA ASSISTIR: [CLICAQUI!](#)**

**GOIÂNIA-BRASIL**